



Epistemología de las Ciencias de la Información y Documentación

A presença das temáticas informativas na literatura científica da arquivística (2002-2011)

Lilian Presumido Cerqueira Silva

Universidade Estadual Paulista
Brasil · lilianpresumido@gmail.com

José Augusto Chaves Guimarães

Universidade Estadual Paulista
Brasil · guima@marilia.unesp.br

Natália Bolfarini Tognoli

Universidade Estadual Paulista
Brasil · nataliabtognoli@yahoo.com.br

Resumo: Tendo em vista a multiplicidade de objetos de estudo verificada na literatura arquivística até então (documento, arquivo, informação), e considerando o crescimento da discussão de temas arquivísticos no universo acadêmico da Ciência da informação, ainda não se tem clara a ocorrência da relação supostamente recíproca: até que ponto a literatura científica da área de Arquivística vem incorporando questões ligadas à informação. Desse modo, objetivou-se, de forma geral, identificar e analisar como vem ocorrendo a presença de temas informacionais na literatura arquivística, e, mais especificamente: a) identificar o universo de autores (e seus respectivos universos institucionais) que desenvolvem discussões sobre informação na literatura arquivística; b) identificar e analisar quais periódicos pesquisados possuem maior incidência das temáticas informacionais, de modo a revelar possíveis linhas editoriais mais abertas a essas questões; c) identificar e analisar o universo de termos utilizados para representar esses artigos (por meio das palavras-chave) estabelecendo as redes temáticas que se constituem nesse contexto (a partir da coocorrência de termos em palavras-chave de artigos); e d) construir redes institucionais e de autores na literatura analisada, buscando identificar relações e interlocuções científicas.

Foram selecionados artigos (a partir da incidência do radical “inform” no título, resumo e/ou palavra-chave) publicados nas revistas canadenses Archives e Archivaria, e nas revistas brasileiras Arquivo & Administração e Acervo, na década compreendida entre 2002 e 2011, chegando-se a um grupo de 18 artigos (16,4% do corpus inicial). Os dados foram analisados por meio da metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2008), a partir das categorias natureza, objetivos/funções, processos, no que se refere às categorizações das definições, conceituações e/ou referências a informação encontradas e por meio da análise bibliométrica, a partir de estudos de colaboração, citação e cocitação para o estabelecimento de redes (valendo-se do software PAJEK), de modo a identificar colégios invisíveis, eventuais correntes de pensamento.

Palavras-chave: Arquivística; Ciência da Informação; Interdisciplinaridade; Objeto.

Abstract: Considering the diversity of objects of study verified in archival literature so far (archives, records, information, data), and given the increasing discussions of archival issues inside the academic universe of information science, it is not clear yet how the scientific archival literature incorporates the issues about information. In this sense, this project aims to identify and to analyze how the issues about information are incorporated in the scientific archival literature, trying (a) to identify the authors that discuss the information issues in archival literature, (b) to identify and to analyze which journals are more opened to information issues, (c) to identify and to analyze the universe of subjects used to represent the papers in order to establish subject networks that are created in this context; and to build institutional and authors networks aiming to identify the relationships and scientific dialogues. It will be select the papers published in the Journals Archives e Archivaria, Arquivo & Administração e

Acervo (2002-2011) (verifying the incidence of the radical "inform" in the title, abstract and/or keywords). To analyze the data we use the analysis of content (Bardin, 2008) and the bibliometric analysis. It is presented in this report to update the theoretical framework, the description of how the data collection is being carried out beyond the constituency of the next steps of the research.

Keywords: Archiving; Information Science; Interdisciplinarity; Object.

1. Introdução

Até os anos 80, a literatura clássica, no que tange ao objeto de estudo da Arquivística, referia-se ao arquivo (HEREDIA HERRERA, 2007), ou ao documento (DURANTI, 1995). Tal aspecto, por sua vez, sofreu uma ampliação de horizontes a partir dos anos 90, quando pesquisadores como Rousseau e Couture (1992), Jardim e Fonseca (1995), Lopes (1996), Malheiro (2002), Fonseca (2005), e Guimarães (2008), entre outros, passaram a também considerar, ao lado do documento e do arquivo, a informação como inerente ao objeto de estudo da Arquivística.

Essa nova abordagem gerou, nos espaços acadêmicos da Ciência da Informação do Brasil, uma consequência imediata: a incorporação de temas arquivísticos nas revistas científicas de Ciência da Informação (tais como Ciência da Informação, Perspectivas em Ciência da Informação, Transinformação e tantas outras), a inclusão de pesquisadores com temáticas arquivísticas no rol de bolsistas de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, e o aumento de discussões arquivísticas em importantes eventos científicos significativos da Ciência da Informação, como o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB. A isso se alia o fato de novos cursos de graduação em Arquivologia serem criados em distintas partes do país, por iniciativa de Departamentos de Ciência da Informação.

No entanto, se a incorporação de discussões com temáticas da Arquivística vem sendo crescentemente incorporada à literatura científica da área de Ciência da Informação, no Brasil, não se tem claro até que ponto a recíproca é verdadeira e, ainda, se essa questão se reflete em outros países.

Tendo em vista a multiplicidade de objetos de estudo verificada na literatura arquivística até então (documento, arquivo, informação), e considerando, no caso dessa última, um crescimento da discussão de temas arquivísticos no universo acadêmico da Ciência da informação, ainda não se tem claro a relação supostamente recíproca, qual seja, até que ponto a literatura científica da área de Arquivística vem incorporando questões ligadas à informação?

Com base no problema acima enunciado, a presente pesquisa se propõe a investigar a presença das temáticas referentes à informação na literatura científica da área Arquivística. De forma mais específica, propõe-se a identificar e analisar como e em que grau vem ocorrendo a presença de temas informacionais na literatura arquivística, a partir da literatura cientificamente considerada de maior impacto, qual seja, a literatura periódica.

Para tanto, delinea-se com objetivo geral de pesquisa: Verificar a presença e a articulação das temáticas relativas a informação na literatura científica da Arquivística. Daí emergem os seguintes objetivos específicos: a) identificar o universo de autores (e os respectivos universos institucionais dos quais eles provêm) que desenvolvem discussões sobre informação na literatura arquivística; b) identificar e analisar quais periódicos pesquisados possuem maior incidência das temáticas informacionais, de modo a revelar possíveis linhas editoriais mais abertas a essas questões.

Vale destacar que a escolha das revistas científicas deve-se ao fato de que o periódico constitui tradicionalmente, no universo das ciências, o ápice da socialização do conhecimento apresentando, como destaca Mueller (1999), quatro funções básicas: a) estabelecimento da ciência "certificada", i.e., do conhecimento que recebeu o aval da comunidade científica, b) canal de comunicação entre os cientistas; c) canal de divulgação mais ampla da ciência, arquivo ou memória científica, e d) registro da

autoria da descoberta científica. Tais características, como destaca Fonseca (2005, p.73), não se alteraram ainda que em meio às recentes transformações dos meios de comunicação.

2. Ciência Da Informação: Aspectos Histórico-Conceituais

Muitos autores acreditam que o marco inicial da Ciência da Informação ocorreu no período pós-guerra, época em que os dois grandes pólos mundiais, EUA e União Soviética, lutavam para manter suas lideranças e assim gerava uma produção científica e tecnológica sem precedentes que ficou conhecida como “explosão da informação”. Nesse contexto, especial destaque merece o artigo “As we may think”, de Vannever Bush, (BUSH, 1945).

Como destaca Barreto (2002, p.18), a grande crise da época, ligada à falta de habilidade de lidar com o grande volume de informação disponibilizada, gerou a necessidade de utilização dos mecanismos e tecnologias acessíveis, de modo a que se pudesse gerenciar e controlar esse volume de informação, estocando e caracterizando seu conteúdo, e priorizando o seu uso.

A partir desse contexto, e principalmente após as reflexões de Bush (1945), inicia-se um período de reflexão sobre a necessidade de um aporte tecnológico que pudesse dar suporte aos processos de produção, de organização e de disseminação da informação em moldes mais ágeis.

Dessa forma, a partir da década de 1960, tem início a formalização da Ciência da Informação como área de estudos, em especial com a publicação do artigo *Information Science: what is it?*; de Harold Borko (1968), para quem a Ciência da Informação constitui “[...] uma disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da Informação, as forças que direcionam seu fluxo e os seus meios de processamento para o melhor acesso e uso desta informação. Preocupa-se com o corpo de conhecimentos relacionados com a organização, origem, agrupamento, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da Informação” (p.3). Essa abordagem conceitual se reitera, especificamente no campo arquivístico, nas reflexões de Fonseca (2005).

Como destaca Saracevic (1996, p. 47), a Ciência da Informação apresenta uma dimensão complexa, pois atinge ao mesmo tempo questões de natureza científica (aspectos teóricos e metodológicos) e de prática profissional (aspectos aplicados), estando voltada para os problemas da efetiva comunicação entre o conhecimento e seus registros, e entre esses registros e seres humanos, inserindo-se no contexto social, institucional ou individual do uso das necessidades de informação.

Smit e Barreto (2002, p. 21-22) igualmente destacam essa dupla dimensão da Ciência da Informação ao referirem-se aos princípios e práticas ligados à criação, organização e distribuição da informação, entendendo-se a informação como um conjunto de “estruturas simbolicamente significantes, codificadas de forma socialmente codificável e registradas, e que apresentam competência de gerar conhecimento para o indivíduo e seu meio”. Desse modo, a informação que integra o universo da Ciência da Informação necessita ser estruturada e registrada em uma forma simbólica que seja compreensível à sociedade, de tal forma que, uma vez utilizadas, possam motivar processos de geração de conhecimento no usuário. Para isso, como destacam ainda os autores, essa informação necessita ser “estocadas em função de um uso futuro”, ou seja, armazenadas de forma coletiva, no tempo e no espaço, em instituições com competência específica para tal gerando aquilo que os autores denominam “institucionalização da informação”.

É importante destacar que essa informação, desde a sua produção, se operacionaliza a partir de práticas específicas que se apoiam “em um processo de transformação orientado por uma racionalidade técnica que lhe é específica; representa atividades relacionadas a reunião, seleção, codificação, redução, classificação e armazenamento da informação” (BARRETO, 1994, p.4).

Rabello (2009, p. 12), ao comparar a Ciência da Informação com outras ciências, afirma que se trata de uma ciência relativamente nova e que “a recente criação e institucionalização somada à premência moderna de pesquisas na área da

informação expressam a sua pertinência social e disciplinar à medida que ainda se observam inúmeras possibilidades investigativas”.

Ao analisar os conceitos abordados anteriormente, nota-se como característica, a recorrente interdisciplinaridade da área, aspecto já destacado por Borko (1968, p.3) e ampliado, três décadas após, por Le Coadic (1996).

Esse rico diálogo com diferentes áreas do conhecimento, no entanto, traz uma maior dificuldade no que se refere à delimitação da informação como objeto da área, pois amplia suas possibilidades (SOUZA, 2007, p. 56). Assim, enquanto Deschatelet (1990, p. 217), acredita que o objeto da área se situa na transferência da informação, do seu lugar de origem para um usuário que dela necessita, transferência essa que se efetiva como um canal de atividades, representado pela criação, organização, armazenamento, recuperação e difusão, Le Coadic (1996, p. 25), em outro sentido, situa o objeto da Ciência da Informação no estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), e na análise de seus processos de construção, comunicação e uso.

Para Smit e Barreto (2002, p.21) o objeto informação se constrói a partir de uma realidade profissional, em que a informação, que tradicionalmente integra o cotidiano da humanidade, sendo percebida pelo senso comum, se especifica em uma informação registrada, materializada e que pode ser socializada modo a garantir “portabilidade no espaço e permanência no tempo” para um uso futuro.

A esse respeito, destaca Guimarães (2008 p. 05):

Na informação registrada, enquanto objeto, tem-se o conteúdo e a materialização desse conteúdo para que se atinja o objetivo de gerar conhecimento, por meio do estabelecimento de pontes (ou mediações) entre um conhecimento registrado, socializado, coletivo que, uma vez apropriado, contribui matéria prima para a geração de um novo conhecimento. Para tanto o foco da área recai sobre o item que se estabelece entre o momento em que uma informação registrada é concebida e criada e o momento final em que ela é utilizada, apropriada. Para tanto, a área se vale, no desenvolvimento de seus processos, de um conjunto de instrumentos sistematizados para permitir que aquilo que foi produzido possa ser utilizado, gerando, para tanto, um conjunto de produtos, que possam servir de apoio ao processo de mediação e uso de informação.

Tognoli e Guimarães (2010, p.131) atribuem à materialidade da informação (a informação registrada) um importante papel de interlocução da Ciência da Informação com outras áreas do conhecimento, contribuindo para o reconhecimento de um caráter interdisciplinar, que lhe é inerente.

Essa materialidade como requisito fundamental para que a informação seja objeto de estudo da Ciência da Informação se revela, como destaca Belloto (2005, p. 5), em uma dupla dimensão: a primeira, relativa aos objetos físicos, ou seja, ao conjunto documental produzido, recebido e/ou acumulado por instituições custodiadoras de informação, como o arquivo e a biblioteca e, a segunda, relativa ao conteúdo desses documentos.

Fernandes (1995, 29) vai além, ao propor, como objeto da CI é a “gestão institucional de saberes”, definindo a informação como o resultado da ação, ou seja, sua finalidade será religar tudo aquilo que foi separado.

Michael Buckland (1991, p.351) amplia a discussão do fenômeno informação, ao referir-se a três abordagens possíveis: a informação como processo (*information as process*), que é a ação de informar ou ser informado; a informação como conhecimento (*information as knowledge*), relativo àquilo que é assimilado na informação como processo no momento de sua transmissão, e a informação como coisa (*information as thing*), que é tudo que contém uma informação ou pode ser informado incluindo os objetos, dados, documentos, entre outros.

Um aspecto importante a considerar para a apropriação da informação pela Ciência da Informação é o caráter dinâmico daquela, na medida em que se identificam processos de distintas ordens, notadamente os de produção, organização e distribuição, bem como nos fluxos a eles inerentes (BARRETO, 2002, p.23). Desse modo, a informação, na Ciência da Informação, sempre se situa em uma dimensão de tempo e de espaço, transformando-se continuamente.

Nesse dinamismo, o olhar da Ciência da Informação se situa entre um macro-processo de constituição de estoques de informação (caracterizado por um fluxo interno de seleção, armazenamento, e recuperação), um fluxo de passagem (dos estoques para sua assimilação pelos receptores) e um fluxo externo (em que a criação do autor se consolida em uma inscrição de informação), e por outro lado, a transferência e comunicação da informação, em cujo contexto a tecnologia da informação ocupa papel de destaque, ao possibilitar o maior e melhor acesso à informação disponível, qualificando esse acesso com a finalidade de uma melhor assimilação da informação pelo usuário (SMIT & BARRETO, 2002, p.13).

No que se refere aos universos profissionais, a Ciência da Informação apresenta, historicamente, uma forte ligação com a Biblioteconomia e a Documentação, desde o trabalho pioneiro de Paul Otlet (1934) até a transformação, em 1968, da American Documentation Institute (criado em 1937), em American Society for Information Science e, a partir de 2000, (em American Society for Information Science and Technology) (ASIS&T, s.d.). No entanto, essa relação, como já apontado por Otlet (1934) vai além do universo biblioteconômico e encontra forte inserção na prática arquivística, como destacam, entre outros, Jardim e Fonseca (1992), Smit (1993), Malheiro et al. (1998), e Ribeiro (2002), entre outros.

E é nesse contexto que, em discussões mais contemporâneas, a Arquivística especial espaço de interlocução.

3. Arquivologia/Arquivística como disciplina: conceito, objeto e estrutura

Um primeiro aspecto a considerar reside na questão terminológica, com relação ao uso dos termos Arquivística ou Arquivologia para a denominação desse campo de estudos. Desse modo, observa-se que o termo Arquivística encontra-se mais disseminado em países como França (Archivistique), Inglaterra e Estados Unidos (Archivistics), Itália e Espanha (Archivística), ao passo que o termo Arquivologia se refere mais diretamente à tradição Ibero-americana, sendo relativo ao estudo, geralmente em nível universitário, na área. A esse termo, encontra-se o correspondente Archival Studies ou Archival Science na literatura de língua inglesa. A vista disso, consideraremos, neste trabalho, ambos os termos de forma indistinta. Merece ainda menção o termo Record management que, na tradição norte-americana, refere-se às questões ligadas ao arquivo corrente.

Em termos conceituais, observa Cruz Mundet (1994) que essa área de estudos passou por dois momentos: o Pré Arquivístico e o de Desenvolvimento Arquivístico.

Em um primeiro momento, observa-se que os primeiros "arquivos" remontam à Pré-História, quando os homens registravam, em desenhos e símbolos, as atividades de seu dia-a-dia, atuando principalmente como "guardadores da memória".

Para Couture & Rousseau (1998, p. 31), por outro lado, os arquivos nasceram efetivamente a partir do aparecimento da escrita, utilizada para registrar informações, aspecto que se consolidou com a evolução dos suportes, do tipo de informação retida e dos métodos de trabalho utilizados para tratá-la.

Na Antiguidade, com a formação das civilizações egípcia, e, em especial da grega e da romana, o arquivo deixa de ser apenas o guardador de memórias e passa a ter valor administrativo e probatório. Assim, o arquivo conservava a informação para o governo e comprovava a existência do ordenamento jurídico (CRUZ MUNDET, 1994, p. 28).

Com a queda do Império Romano, o arquivo embora continuasse com seu valor probatório por ser um documento escrito passou, por influência germânica, a ter valor testemunhal e oral.

Mas é na passagem do Mundo Antigo para a Idade Média que, o termo arquivo se consolida, assumindo a responsabilidade de preservar os documentos antigos, especialmente em um momento em que a instabilidade política e social, somada à fragilidade dos suportes, marcou profundamente os arquivos, inclusive com a perda quase que total dos mesmos (CRUZ MUNDET, 1994, p. 26-27; SILVA et al., 2002, p.32).

Na Alta Idade Média, entre os séculos V e X d.C., a mudança de valor probatório, para oral e testemunhal se consolidou, especialmente se considerado o contexto da

época, em que o nível cultural da população era muito baixo, com predominância de analfabetos, vivendo isolados em regiões rurais. Assim, a informação proveniente dos arquivos ainda era de acesso muito limitado.

Na Idade Moderna, mais especialmente no século XVI, coube à Espanha o pioneirismo na organização de arquivos, quando os Reis Católicos ordenaram que todos os documentos do Império fossem organizados e colocados juntos em um local, esse modelo se espalhou para outros países ao longo do século. (MUNDET, 1994, p. 36).

Isso se refletiu em países como a França, quando no denominado Antigo Regime, nos séculos XVII e XVIII, surge um conceito novo: primeiramente os Arquivos do Estado e, mais tarde, Arquivos Nacionais. Neste período, os documentos de arquivos ganharam também um valor histórico, sendo usados para pesquisa.

Como destaca Calderón (2011, p.26), o forte envolvimento dos arquivos com a administração e com a necessidade da humanidade em criar e preservar a memória coletiva que se materializa em registros documentais se refletiu em momentos históricos como a Revolução Francesa, em que os documentos foram decisivos tanto para a manutenção da sociedade antiga (cujos documentos foram preservados para fim culturais) quanto para o estabelecimento de uma nova sociedade, para proteção do direito público.

Schellenberg (2002, p.27) reconhece como uma das grandes conquistas da Revolução Francesa o reconhecimento dos documentos para a sociedade, o que resultou na criação de uma administração nacional e independente dos arquivos, na proclamação do princípio de acesso do público aos arquivos e no reconhecimento do Estado como responsável pela preservação dos documentos de valor histórico.

A partir do século XIX, o documento de arquivo passa a assumir um valor testemunhal que vai além da questão probatória para fins jurídicos, atuando também como elemento para a reconstituição da história (COUTURE ; ROUSSEAU, 1998, p. 31).

Nessa trajetória ao longo do tempo, observa-se que o conceito de arquivo foi se transformando em função das mudanças políticas e culturais vivenciadas pelas sociedades ocidentais, na medida em que o arquivo é um reflexo da sociedade que o produz. Assim, o modo de interpretar essa sociedade também se altera, como se observa nas mudanças ocorridas nas finalidades dos arquivos ou os suportes utilizados (RODRIGUES, 2006, p. 104).

Tudo isso leva a uma ampliação do conceito de arquivo, cujos documentos passam a ser utilizados para o exercício do poder, em termos de governo e de administração pública, para o reconhecimento dos direitos do cidadão, para o registro de memória¹ da sociedade e para subsidiar a construção historiográfica. (CRUZ MUNDET, 1994, p. 37; COUTURE ; ROUSSEAU, 1998, p.32).

Essa sedimentação e diversificação do papel dos arquivos na sociedade levam ao surgimento de uma área de estudos – a Arquivística ou Arquivologia – que passa a ser conceituada sob diversas abordagens.

Para Delmas (2010, p.56), tem-se uma ciência que estuda os princípios e os procedimentos metodológicos empregados na conservação dos documentos de arquivos, permitindo assegurar a preservação dos direitos, dos interesses, do saber e da memória das pessoas físicas e morais. Esses documentos de arquivo são vistos por Jenkinson (1922, p. 11), como aquele que nasceu ou é utilizado em uma transação administrativa ou executiva, e que mais tarde será preservado por seu próprio criador ou por quem tiver sua custódia.

Fuster Ruiz (1999, p. 110-111) refere-se à natureza orgânica de tais documentos pois, reunidos em um ou mais conjuntos, nos arquivos, em distintos suportes, são produzidos recebidos, acumulados, conservados e organizados segundo sua ordem

¹ Desde a alta antiguidade que o homem sentiu a necessidade de conservar a sua própria memória, primeira sob forma oral, depois sob forma de grafite e de desenhos e finalmente, graças a um sistema codificado, isto é, com símbolos gráficos correspondentes a sílabas ou a letras. A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda a e qualquer atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem arquivos. A própria vida não existiria, pelo menos sob as formas que conhecemos se não houvesse o DNA, isto é, a memória genética registrada nos arquivos primordiais. (COUTURE, 1998, p.34).

original, de modo a que possam servir ao sujeito produtor ou qualquer pessoa, como testemunha de atos administrativos ou jurídicos ou para fins científicos ou culturais.

A dimensão científica da área, defendida por Delmas, já havia sido anteriormente reivindicada por Heredia Herrera (1995, p. 29), ao reconhecer a Arquivística como “ciência dos arquivos e dos documentos”, cuja preocupação reside nos processos de criação, desenvolvimento, organização e acesso, para subsidiar tanto a Administração quanto a História.

É importante destacar que se o objeto imediato da área são os arquivos, seu objeto mediato consiste no conjunto de documentos escritos, recebidos ou produzidos oficialmente por determinado órgão administrativo, que têm no arquivo seu órgão custodiador. (MULLER, FEITH, FRUIN, 1973, p. 13).

Acerca do documento de arquivo como objeto da Arquivística, Delmas (2010, p. 56) os caracteriza como sendo aqueles que, independentemente de data, suporte, forma ou local de conservação, são solidariamente produzidos ou recebidos por quaisquer pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privada, no exercício de suas atividades, e conservados para eventuais usos futuros.

Essa concepção é reforçada por Tognoli (2012, p. 114), ao referir-se ao documento produzido e/ou recebido por uma pessoa física ou jurídica no decorrer de uma função específica, visando a fazer cumprir ou comprovar uma ação. Para tanto, mantém uma relação orgânica com os outros documentos produzidos no mesmo contexto.

Essa relação orgânica, por sua vez, se efetiva em três momentos arquivísticos subseqüentes, que integram o denominado ciclo vital dos documentos, composto pelas fases corrente, intermediária e permanente.

Para Bellotto (2004), a fase corrente é aquela em que se trabalha com a documentação de uso funcional, administrativo e jurídico, sendo pautada pela freqüência em sua utilização. Na fase intermediária, têm-se documentos que, embora com prazo de validade já expirado, podem ainda ser utilizado pelo produtor, embora com menor freqüência. Já na fase permanente, os documentos são guardados no arquivo para preservação permanente, podendo ser utilizado apenas para uso científico, social e cultural.

Heredia Herrera (1995, 174, 205) estabelece um paralelo entre a origem das três idades e a formação dos Arquivos, identificando a primeira idade com a época Pré Arquivística, voltada para a reunião de documentos, ao passo que a segunda e a terceira idade relacionam-se com a etapa Arquivística, voltada para a conservação dos documentos por meio da instalação, reprodução, restauração e organização: classificação e ordenação e dando acesso a informação através da descrição: inventário e catálogo, ação cultural, difusão e disseminação da informação.

Bellotto (2004, p. 23), prevê em um futuro breve o fim da distância entre documentos administrativos e históricos. Neste contexto, a autora entende que os documentos administrativos são aqueles que são guardados organicamente e cumulativamente à medida que se cumprem as finalidades para que fosse criado e posteriormente esses documentos administrativos se transformarão em históricos para colherem dados que se referem ao passado.

Bernardes (1998, p. 12 -13) refere-se à gestão documental, como uma ação sobre o ciclo de vida dos documentos desde sua criação até sua guarda permanente, no decorrer das três idades, a partir de três momentos: produção, manutenção, e uso e destinação dos documentos. Assim, na primeira fase tem-se a elaboração de sistemas de organização da informação e de aplicação de novas tecnologias aos procedimentos administrativos, na segunda, a implantação dos sistemas de arquivo, seleção dos sistemas de reprodução e promoção do acesso, e, na terceira, o desenvolvimento de um programa para garantir a proteção dos conjuntos documentais de valor permanente e a eliminação dos documentos sem fim probatório e informativo.

Indo além do documento de arquivo, Fonseca (2005, p. 10-11) situa também a informação como objeto da Arquivística, aspecto que se consolida mais especificamente a partir do final de 1980, quando se instituiu, em diversos países, um novo processo e um novo locus de produção do conhecimento arquivístico, identificados com a pesquisa de pós-graduação em Ciência da Informação. Segundo a autora, isto causou uma redefinição da Arquivologia como uma área autônoma,

podendo assim abrir uma discussão sobre a mudança de seus objetos e objetivos tradicionais, incorporando a informação arquivística como novo objeto da área. Dentro deste contexto Cruz Mundet (2011, p. 77) refere-se à informação como finalidade da Arquivística, de tal modo que possa ser armazenada, recuperada e disponível para uso. Heredia Herrera (1995, p. 31), na década anterior, já incorporava a informação ao definir arquivo, como um conjunto de documentos portadores de informação.

Calderón (2011, p.62) associa as práticas arquivísticas na sociedade contemporânea ao "atendimento a necessidades informacionais originadas de realidades sociais muito distintas daquelas do passado", tornando-se imprescindível o auxílio das tecnologias da informação.

Autores como Silva et al. (2002, p. 40), propõem a abordagem do arquivo como um sistema de informação (social), o que vem atender ao paradigma informacional, trazido para o âmbito arquivístico como decorrência da atual conjuntura social.

Dessa forma, é indiscutível o importante papel que o binômio documento / informação assume no âmbito arquivístico, pois, como destaca Smit (2000, p. 30), "[...] são duas faces da mesma moeda". Indo além, tem-se a informação e o documento respectivamente como objeto intelectual e físico da Arquivística. Já Bellotto (2005) considera o arquivo, enquanto conjunto documental produzido/recebido/acumulado por entidades públicas ou privadas no exercício de suas funções, como objeto físico da área.

Esse olhar mais voltado para a informação como objeto intelectual da Arquivística se construiu mais especificamente a partir da concepção canadense conhecida como Arquivística Integrada, proposta por Couture, Ducharme e Rousseau, em 1988, no artigo "*L'archivistique a-t-elle trouvé son indetité?*", que buscava, segundo Tognoli e Guimarães (2010, p.131) integrar a disciplina, até então dividida, na América do Norte, com base no ciclo vital dos documentos (*Archivistics e Records Management*) em torno da denominada "informação orgânica registrada", trazendo a aproximação entre a Ciência da Informação e a Arquivística. Para os autores, a profissão do arquivista é voltada para gerir, tratar e dar acesso à informação e, para tanto, necessita estabelecer procedimentos e desenvolver ações que se preocupem com a questão da informação.

Lopes (1996, p. 32), que trouxe para o Brasil as ideias dos canadenses acima mencionados, situou o arquivo no universo da informação registrada, dando ênfase na informação orgânica, produzida pela pessoa ou organização que a acumulou, não deixando de lembrar que os arquivos devem ser formados por informações que sejam específicas dos seus acumuladores. Essa informação orgânica, para Couture & Rousseau (1998, p. 37), deve ser concebida de maneira estruturada e inteligível, registrada em um suporte adequado, sendo posteriormente inserida no canal de difusão apropriado, a fim de ser facilmente acessível para permitir uma comunicação máxima que tenha em conta aspectos de natureza legal, cultural e tecnológico que integram o seu contexto.

Para Silva (2012, p. 45), no âmbito arquivístico a informação registrada estabelece uma compreensão a partir dos elementos que constituem os documentos, de tal forma que a pesquisa arquivística encontra-se primordialmente voltada a estudar as relações entre as informações e os elementos contextuais de sua geração e estruturação.

Observa-se, assim, que a ampliação do objeto da área em direção à informação, não deve ser visto como isolado, separado do documento que a registra, mas deve levar em conta que o que realmente se estoca e se transfere, no arquivo, é uma informação que, por sua vez, está consignada em documentos (SMIT; GUIMARÃES, 1999).

4. Metodologia

A pesquisa possui natureza quali-quantitativa, pois os dados selecionados são oriundos de palavras, de reflexões teóricas, a partir de uma análise dos textos selecionados da literatura e por apresentar um tratamento bibliométrico a ser dados aos autores, instituições e termos, por meio do *software* PAJEK. Nesse sentido, caracteriza-se como pesquisa documental de caráter exploratório-descritivo.

Em termos de corpus de pesquisa, e considerando que, historicamente, as questões informativas vieram à tona para o mundo científico arquivístico notadamente a partir da contribuição canadense, analisaram-se duas revistas científicas da do Brasil (*Arquivo & Administração* e *Acervo*), e duas no Canadá, uma do Canadá inglês e outra do Canadá francês (*Archives* e *Archivaria*), no período entre 2002 e 2011.

A escolha dos quatro periódicos se justifica pelo papel de destaque que assumem no universo científico da área. Assim, a escolha dos dois periódicos canadenses deve-se ao fato de refletirem importantes discussões teóricas levadas desenvolvidas naquele país nas últimas duas décadas, (como é o caso da Arquivística Integrada, que vê a informação orgânica registrada como o objeto de estudo da área, da Arquivística Pós-Moderna e da Diplomática Contemporânea). Por sua vez, a escolha dos dois periódicos brasileiros, respectivamente da Associação dos Arquivistas Brasileiros e do Arquivo Nacional, se deve ao fato de possuir boa inserção nos cursos de graduação em Arquivologia e nos departamentos de Ciência da Informação nas Universidades brasileiras.

Para tanto, e tendo por base a metodologia estudada por Guimarães; Fernández-Molina (2003), analisam-se os títulos, resumos e palavras-chave (a partir da incidência do radical "inform") dos artigos, excluindo-se do levantamento qualquer tipo de entrevista, bibliografia, resenhas, anais de eventos, perfis institucionais, que venham a compor os periódicos.

Desse modo, uma vez identificada a presença dos termos nos artigos das revistas, estes foram cadastrados em termos e: referência completa, identificação da parte do texto em que se encontra o termo selecionado, transcrição de alguma definição ou conceito no texto que traga esse termo, identificação do país e da instituição do autor e transcrição das referências do artigo. Com base em tais aspectos têm-se elementos para a consecução dos objetivos específicos da pesquisa, anteriormente expostos.

5. Apresentação, análise e discussão dos resultados

A partir do universo das revistas científicas selecionadas, foi feito um levantamento com o total de artigos a serem analisados no decorrer da pesquisa, no período de 2002 a 2011. As referidas coleções foram compostas de 411 artigos, sendo 170 artigos na revista *Acervo*, 56 no *Arquivo & Administração*, 102 na *Archives* e 83 na *Revista Archivaria*, conforme se verifica a seguir (tabela 1).

Tabela 1 - Total de artigos analisados

	ACERVO	ARQUIVO E ADMINISTRAÇÃO	ARCHIVES	ARCHIVARIA
2002	15	Sem publicação	12	10
2003	19	Sem publicação	9	3
2004	16	5	11	8
2005	10	9	Sem publ.	19
2006	10	8	21	9
2007	12	7	8	3
2008	18	9	9	3
2009	23	4	12	6
2010	18	7	10	11
2011	29	7	10	11
TOTAL	170	56	102	83

Fonte: Elaborado pelos autores.

Há de se ressaltar que todos os Periódicos são semestrais, apenas com as seguintes exceções: a) *Acervo*: anual em 2005, 2006 e 2007, b) *Arquivo & Administração*: sem publicação em 2002 e 2003 e um fascículo publicado tanto em 2004 quanto em 2009, c) *Archives*: sem publicação em 2005, mas com quatro fascículos publicados em 2006. Assim, a partir do total de artigos, foram selecionados, os que apresentaram ocorrência do radical "inform" no título, resumo e palavra-chave, tendo como resultado um total de 110 artigos (representando 26,8% do universo da pesquisa) como se apresenta a seguir. (tabela 2)

Tabela 2 - Artigos com incidência do radical "inform"

	ACERVO	ARQ E ADM	ARCHIVES	ARCHIVARIA	Total
2002	0	0	1	1	2
2003	1	0	4	2	7
2004	2	4	2	3	11
2005	0	2	0	3	5
2006	0	6	9	1	16
2007	7	3	6	1	17
2008	4	1	5	0	10
2009	1	1	4	2	8
2010	2	2	6	3	13
2011	13	1	1	6	21
TOTAL	30	20	38	22	110

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados revelam que as revistas brasileiras Acervo e Arquivo e Administração apresentam, respectivamente, uma incidência de 17,6% e 27,7% do tema no total de seus artigos publicados no período, ao passo que as revistas canadenses Archives e Archivaria apresentem, respectivamente, incidência de 27,2% e 26,5%. Tais fatos demonstram que o tema é ainda mais explorado e de forma mais equânime, entre as revistas canadenses, se comparado com as revistas brasileiras, o que se explica pelo fato de que a ideia de informação arquivística teve seu nascedouro e importante desenvolvimento no Canadá, mais especialmente no Canadá francês (onde se publica a revista Archives), com as concepções de Arquivística Integrada.

Em uma análise do local de incidência do radical "inform" nos artigos analisados, verifica-se que as revistas brasileiras revelaram maior preocupação em explicitar essa temática, na medida em que esse radical se encontra presente 23 vezes no título e 85 vezes nas palavras-chave, o que contrasta com a realidade canadense, em que se verifica 07 incidências desse radical nos títulos e nenhuma incidência nas palavras-chave. Por outro lado, a presença do radical "inform" se revela superior nos resumos das revistas canadenses (111 vezes) comparativamente às revistas brasileiras (102 vezes).

No que se refere à modalidade de autoria, observa-se, em ambos os entornos analisados, uma franca predominância da autoria individual, o que se manifesta mais nitidamente nas revistas brasileiras (85,5% dos artigos) se comparado às revistas canadenses (73,3% dos artigos).

Relativamente ao tema pesquisado, identificou-se um grupo de 108 (cento e oito) autores² dos quais 20 (18,52%) publicaram dois ou mais artigos, sendo que apenas 3 autores (2,78%) publicaram 3 artigos. Tal aspecto revela uma grande dispersão de autores o que, se por um lado é positivo, pois amplia o aspecto de autores que publicam sob o tema, por outro revela que o tema apresenta pouca continuidade em

² Adam Crymble; Adrian Cunningham; Adriana Cox Hollós; AidaChebbi; André Gareau; André Porto Ancona Lopez; Anna Carla Mariz; Anna Margulis; Anne Lindsay; Armando B. Malbeiro da Silva; Barbara L. Craig; Bernard Savoie; BessemKhouaja; Carol Couture; CaroleSaulnier; CatalinaBotero Marino; Christian L. Lacombe; Christine Dufour; Christopher A. Lee; Ciaran B. Trace; Claudia Lacombe Rocha; Daniel J. Caron; Deborah Jenkins; Diane Baillargeon; Didier Grange; Dilza Ramos Bastos; DimitriDimoulis; Dominique Maurel; Donald C. Force; Eliana Vasconcelos; Emerson Giumbelli; Francine Gauthier; Françoise Banat-Berger; GeorgeteMedleg Rodrigues; Gilles Durand; Giulia Barrera; Helen Tibbo; Heloisa Carvalho Mesquita; Howard Besser; Ian Forsyth; Ian G. Anderson; Ingrid Beck; Ivone Pereira de Sá; Jacques Grimard; Jaime Antunes da Silva; James Lambert; James N. Green; Jean-Pierre Defrance; Jennifer Meehan; Joan Cherry; João Vieira; José Maria Jardim; JoséChevrier; Judith Roberts-Moore; Julie Roy; Julio Cesar Cardoso; Karin Michel; Kerry Badgley; Kristan Cook; Larissa Marques Martins; Linda Beaupré; Louise Gagnon-Arguin; Lucia Maria Velloso de Oliveira; Luciana Duranti; Marc Lebel; Marcel Caya; Marcos Tadeu Holler; Margaret J. Dixon; Margareth da Silva; Maria Izabel de Oliveira; Maria José Veloso da Costa Santos; Maria Luisa Conde Villaverde; Maria Luiza de Almeida Campos; MarielleLavertu; Mario Robert; Michael Cook; Michael Fox; Michael Moss; Michel Lévesque; Nailda Marinho da Costa Bonato; Natasha Zwarich; Nicola Avery; NilsBruebach; Pablo E. Franco; PatriciaGalloway; Paula Lígia Martins; PauletteDozois; Pierrette Bergeron; Pio Penna Filho; Rafael Sanzio Araújo dos Anjos; RégnaldLessard; Renato Tarciso Babosa de Sousa; Richard Brown; Robert Nahuet; Rodrigo Patto Sá Motta; Romualdo Pessoa Campos Filho; Ana Lúcia Sabadell; Sabine Mas; Sam Kula; Sérgio Carrara; Sérgio Conde de Albite Silva; Susan Stuart; SylvainSenécal; TaikBourhis; VivienIshaq; Wendy Duff; William J. Maher; e Yvon Lemay.

uma mesma autoria (o que pode comprometer a verticalização). Outro aspecto a observar é o fato de que apenas 4 autores (dois do Brasil e dois do Canadá) publicaram em mais de uma revista, mas sem que houvesse interlocução internacional, pois os brasileiros publicaram nas revistas brasileiras e os estrangeiros nas revistas canadenses.

Feita a seleção de artigos, realizou-se um levantamento individual em cada revista quantificando a incidência do termo no Título, Resumo e Palavra-Chave em cada ano pesquisado, conforme tabelas a seguir:

Tabela 2 - Acervo

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Título	0	0	1	0	0	2	2	0	0	7
Resumo	0	1	6	0	0	9	8	1	2	20
Palavra Chave	0	0	2	0	0	0	2	0	1	10
Total	0	1	9	0	0	11	12	1	3	37

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 3 - Arquivo & Administração

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Título	N	N	4	1	3	0	1	0	2	0
Resumo	N	N	18	3	14	5	1	3	0	1
Palavra Chave	N	N	3	0	7	0	0	0	0	1
Total			25	4	24	5	2	3	2	2

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 4 - Archives

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Título	0	1	0	N	2	1	1	1	0	0
Resumo	1	5	3	N	21	6	11	8	8	2
Palavra Chave	0	0	0	N	0	0	0	0	0	0
Total	1	6	3		23	7	12	9	8	2

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 5 - Archivaría

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Título	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Resumo	1	4	8	14	1	1	0	3	3	11
Palavra Chave	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	1	5	8	14	1	1	0	3	3	11

- Fonte: Elaborado pelos autores.

Encerrada essa etapa, iniciou-se a triagem do termo "inform" no corpus de 110 artigos, onde se isolou a definição, conceituações e/ou referências à informação, levando-se em consideração, a análise de conteúdo (Bardin, 2008), e ainda se identificou as variações semânticas de um mesmo conceito, notadamente no que se refere a suas relações com a Arquivística.

O método de Análise de Conteúdo foi utilizado como ferramenta metodológica uma vez que, segundo Sales (2008), seus procedimentos possibilitam uma análise com base em inferências extraídas de conteúdos de documentos – a partir de uma interpretação controlada por meio de variáveis ou indicadores, que proporcionaram maior liberdade ao analista, sem que se perca a objetividade da investigação, e por se tratar de uma análise pautada em definições concebidas por pesquisadores, cujas características relativas à forma são homogêneas (*argumentos descritivos registrados textualmente*). Desse modo, o emprego da análise de conteúdo configurou-se uma ferramenta primordial para a consecução dos objetivos de pesquisa almejados.

Por meio da análise de conteúdo, foi possível extrair, do total de 110 artigos que integravam o corpus, um conjunto de 18 artigos (16,4% do corpus), que continham o conceito Informação Arquivística. Nesse contexto, a revista Arquivo & Administração liderou com 7 artigos, seguida da revista Acervo, com 5, da revista Archives, com 4 e da

revista *Archivaria*, com 2s, o que revelou maior preocupação conceitual no universo brasileiro (doze definições) se comparado ao universo canadense (seis definições) (Tabela 7).

Tabela7-Revistas/Artigos

REVISTAS	ARTIGOS
ARQUIVO & ADMINISTRAÇÃO	7
ACERVO	5
ARCHIVES	4
ARCHIVARIA	2

Elaborado pelos autores.

Essa lógica acima apresentada se mantém, em termos percentuais, dentro de cada revista pois na revista *Arquivo e Administração*, 7 dos 20 artigos iniciais (ou seja, 35%) traziam aspectos conceituais da informação arquivística, seguida de uma presença de 16,7 % na revista *Acervo*, 10,6% na revista *Archives* e 9,1% na revista *Archivaria*.

Apresentam-se, a seguir, análise de conteúdo desse conjunto de dezoito citações, a saber:

A partir de trechos selecionados dos artigos que continham menção explícita à informação arquivística, aplicou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2009), identificando-se as categorias de análise: natureza, objetivos/funções, processos, instrumentos e interdisciplinaridades, como se verifica a seguir.

Com relação à natureza da informação arquivística, também denominada informação documental (GRIMARD, 2006-2007, p. 79), entendida como objeto da Arquivologia (Heredia Apud SÁ, 2004, p. 84), tem-se aquela que se encontra contida nos documentos que integram os arquivos, os quais possuem características próprias e definidas.”(MARIZ, 2010, p. 55), apresentando-se de forma orgânica e consignada (MAS; GAGNON-ARGUIN, 2003-2004, P.30) (GRIMARD, 2006-2007, p. 67), derivando de um processo decisório organizacional (JARDIM, 2004, p. 16), o que lhe confere a capacidade de ser fundamento para a ação, a comunicação e a decisão (RODRIGUES, 2011, p. 258-259) e, portanto, um ativo com valor para a organização (CARDOSO, 2004, p. 57). Para tanto, necessita ser adequadamente protegida em termos de integridade e autenticidade (CARDOSO, 2004, p. 57) (GRIMARD, 2006-2007, p. 67). Nesse contexto, destaca-se em especial o fato de essa informação apresentar natureza dinâmica e sequencial, em um contínuo, reflexo de sua própria organicidade (LEE; TIBBO, 2011, p. 123) o que, em contextos específicos, como o dos dossiês, por exemplo, refere-se a aspectos como a homogeneidade e a unicidade (MAS; GAGNON-ARGUIN, 2003-2004, p.40).

Em termos de objetivos ou funções, destaca-se o fato de a informação arquivística nortear o processo decisório organizacional (JARDIM, 2004, p. 16) e contribuir para a consolidação de um processo de cidadania, de transparência administrativa e de diminuição de assimetrias no acesso à informação pela sociedade. ” (HOLLÓS, 2010, p. 21).

Os processos que incidem sobre a informação arquivística revelam-se diversificados, abrangendo a produção, a distribuição e o uso (HOLLÓS, 2010, p. 23-24), a avaliação (Couture apud GRIMARD, 2006-2007, p. 79) (GRANGE, 2008, p.79), a proteção, a longo prazo, da autenticidade e da integridade da informação (Couture apud GRIMARD, 2006)

Em seguida, realizou-se um estudo de base quantitativa, a partir da análise bibliométrica. Os estudos bibliométricos (aqui se inserindo as questões cienciométricas e informétricas), como destacam Hjørland & Albrechtsen (1995, p.405), “organizam padrões sociológicos de reconhecimento explícito entre documentos individuais”. Para os referidos autores, análises desse tipo contribuem para evidenciar a natureza de uma disciplina e as relações entre disciplinas diversas, em um contexto mais amplo, tais como os padrões sociais na comunicação científica.

Dessa forma, foram consideradas, no âmbito bibliométrico, as questões de coautoría e as redes de citação, contribuindo para a identificação do universo de referentes teorias fundamentais.

Em termos de citações, obteve-se, no corpus final dos dezoito artigos que trouxeram aspectos conceituais da informação arquivística, 426 citações relativas a 396 autores distintos e, para fins de corte para análise em redes de citação, aplicou-se a Teoria do Elitismo de Price, segundo a qual:

A distribuição da produtividade dos autores numa coordenada cartesiana é uma distribuição tão inclinada, que inspirou Price (1963) a propor a Lei do Elitismo. Segundo esta lei, se k representa o número total de contribuintes numa disciplina, \sqrt{k} representaria a elite da área estudada, assim como o número de contribuintes que gera a metade de todas as contribuições (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 2008, p.1).

Desse modo, o corte recaiu sobre um conjunto de 30 autores que receberam 3 ou mais citações cada:

- | | |
|----------------------------------|--------------------------------------|
| 1. JARDIM, J.M. - 18 | 16. HEDSTROM, M. - 4 |
| 2. FONSECA, M.O. - 10 | 17. REED, B. - 4 |
| 3. COUTURE, C. - 9 | 18. RIBEIRO, F. - 4 |
| 4. DURANTI, L. - 9 | 19. ARGOTE, L. - 3 |
| 5. LEE, C.A. - 9 | 20. BEAGRIE, N. - 3 |
| 6. CEPIK, M.A.C. - 7 | 21. CONWAY, P. - 3 |
| 7. CASTELO BRANCO, P.H.de.T. - 5 | 22. CUNHA, M.B. - 3 |
| 8. COOK, T. - 5 | 23. GUIMARÃES E SILVA, J.G.da.C. - 3 |
| 9. DUCHEIN, M. - 5 | 24. HURLEY, C. - 3 |
| 10. RODRIGUES, J.H. - 5 | 25. KECSKEMETI, C. - 3 |
| 11. SCHELLENBERG, T.R. - 5 | 26. MCKEMMISH, S. - 3 |
| 12. ACLAND, G. - 4 | 27. ROUSSEAU, J-Y. - 3 |
| 13. CHABIN, M-A. - 4 | 28. TIBBO, H.R. - 3 |
| 14. GAGNON-ARGUIN, L. - 4 | 29. YAKEL, E. - 3 |
| 15. GONZALES DE GOMEZ, M.N. - 4 | 30. ZUNIGA, S.S.G. - 3 |

É interessante observar que 318 autores que receberam apenas uma citação, o que significa 80,3% do total de autores, revelando uma grande dispersão de fontes.

A partir desse conjunto de trinta autores mais citados, tornou-se possível a construção e visualização gráfica da rede de citação e de cocitação, especialmente útil na visualização do comportamento de um dado domínio de conhecimento. Para tanto, foi utilizado o software PAJEK, chegando-se à seguinte.

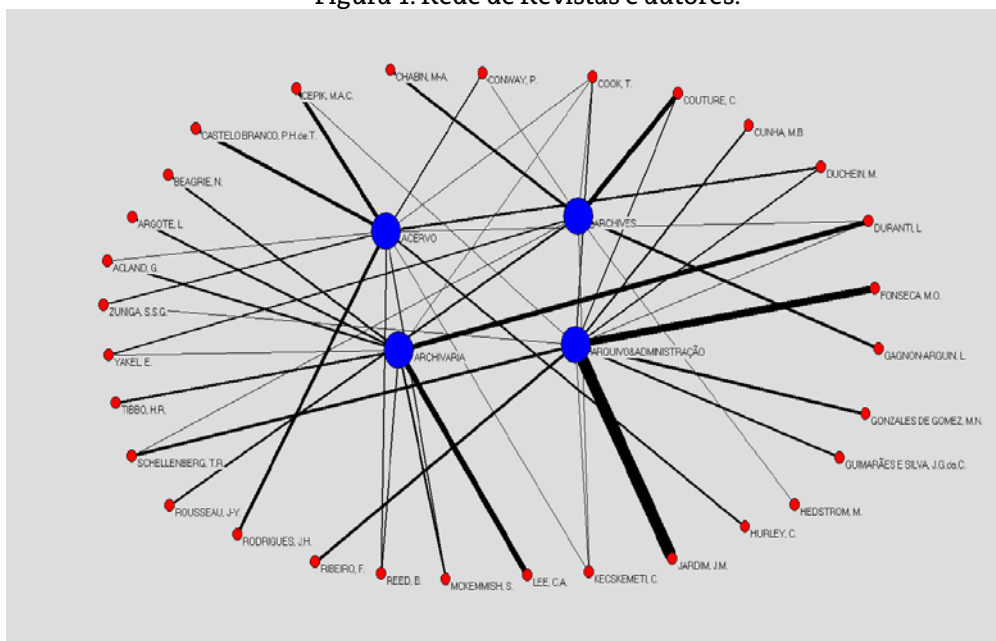
Uma primeira rede estabelece vínculo entre os trinta autores mais citados e as revistas em que foram citados, observando-se, pela espessura da conexão, o volume de citações por eles recebidas, como se pode observar no Gráfico a seguir (Figura 1).

Em termos de frequência de citação, observa-se uma forte presença de José Maria Jardim e de Maria Odila Fonseca na revista *Arquivo e Administração*; de Luciana Duranti e de Christopher Lee, na revista *Arquivaria*; de Carol Couture e de Maria-Anne Chabine na revista *Archives* e de Marco Aurélio Chaves Cepik e de Pandiá H. de Tautphoeus Castelo Branco na revista *Acervo*. Tais dados se explicam basicamente pelo critério regional pois são autores relativos, respectivamente, ao Rio de Janeiro, ao Canadá inglês, ao Canadá francês e ao Rio de Janeiro.

Essa predominância de fontes mais ligadas àquele contexto geográfico se revela bastante presente, com exceção de alguns autores já considerados clássicos, como Terry Cook (citado nas quatro revistas), Charles Kekschemeti e Luciana Duranti, citados em três revistas, ao que se pode aliar o nome de Theodore Roosevelt Schlenberg, que recebe citações de um a revista canadense e uma brasileira ou seja, reconhecido fora de seu ambiente original, os Estados Unidos.

A segunda rede foi elaborada para que os vínculos fossem estabelecidos entre citantes e citados. Para fins de corte, aplicou-se novamente a Teoria do Elitismo de Price, que, desta vez, recaiu sobre um conjunto de 19 autores que receberam 3 ou mais citações.

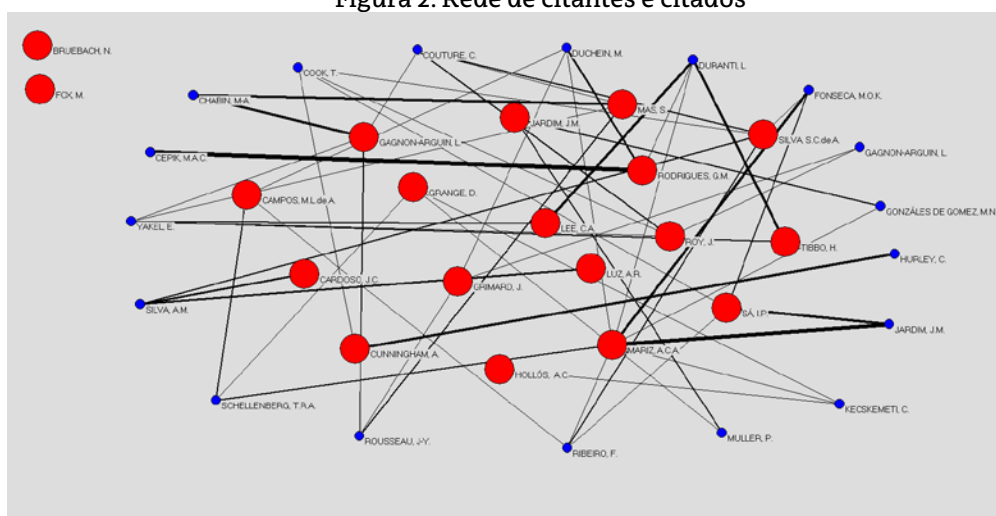
Figura 1. Rede de Revistas e autores.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda: Círculos azuis: Revistas; Círculos vermelhos: Autores.

Figura 2: Rede de citantes e citados



Fonte: Elaborado pelos autores

Legenda: Círculos vermelhos: Citantes; Círculos azuis: Citados

A análise da rede revela, por um lado, forte frequência de citação de Cepik feita por Rodrigues, assim como de Mariz, feita por Jardim. Por outro lado, Michel Duchein, Fernanda Ribeiro, Elizabeth Yakel, Luciana Duranti, Terry Cook e Carol Couture foram citados por quatro autores citantes distintos, o que revela sua forte presença científica na área, aspecto que já era esperado pelo fato de serem efetivos referentes teóricos representando, respectivamente, as tradições arquivísticas francesa (Duchein), portuguesa (Ribeiro), estadunidense (Yakel), do Canadá inglês (Duranti e Cook) e do Canadá francês (Couture).

6. Conclusão

A pesquisa revelou, no que tange ao aspecto conceitual, que a questão da informação arquivística, no universo pesquisado, se coloca como um dos objetos da Arquivística, caracterizando-se pela sua natureza orgânica, sequencial dinâmica e consignada,

derivando de um processo decisório organizacional e com capacidade de ser fundamento para subsidiar o trinômio ação / comunicação / decisão, constituindo um ativo para a organização, o que demanda a proteção constante e a longo prazo de sua integridade e de sua autenticidade.

Ao subsidiar o processo decisório organizacional e contribuir para a consolidação de um processo de cidadania, de transparência administrativa e de diminuição de assimetrias no acesso à informação pela sociedade, essa informação sofre a incidência de processos diversificados, que atuam no conitnuum que se coloca entre sua produção e o seu uso.

A produção científica na área, a partir dos quatro periódicos analisados, revela-se ainda dispersa no que se refere às fontes, mas já é possível identificar um núcleo mais consistente e recorrente de referentes teóricos, nomeadamente composto por Michel Duchein, Fernanda Ribeiro, Elizabeth Yakel, Luciana Duranti, Terry Cook, José Maria Jardim, Carol Couture e Maria Odila Fonseca, o que revela um equilíbrio entre as tradições arquivísticas francesa (Duchein), portuguesa (Ribeiro), estadunidense (Yakel), do Canadá inglês (Duranti e Cook) do Canadá francês (Couture) e brasileira (Jardime Fonseca).

Referências

ASIS&T: the information association for information ages. History of ASIS&T. Disponível em: <http://www.asis.org/history.html>. Acesso em 08.05.2014.

Barreto, A. A. (1994). *A questão da Informação* Revista São Paulo em Perspectiva São Paulo.

Barreto, A. A. (2002). *O tempo e o espaço da Ciência da Informação* Revista Transinformação, v.14, n° 1, p. 17-24, jan/jun.

Belloto, H.L. (2005). *Arquivística, arquivos y documentos*. São Paulo: ARQ – SP.

Bellotto, H. L. (2004). *Arquivos Permanentes: Tratamento documental*. 2º edição. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Bernardes, I. P. (1998). *Como avaliar Documentos de Arquivos*. Volume 1º. São Paulo: Arquivo do Estado.

Borko, H. (1968). Information Science: What is it? *American Documentation*. Santa Monica, Califórnia, p. 3-5, jan.

Buckland, M.K. (1991). Information as Thing. *Journal of the American Society for Information Science*, vol. 45, n. 5, p. 351-360.

Calderon, W. R. (2011). *O arquivo e a informação arquivística: da literatura à prática pedagógica no Brasil*. Marília. 182f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília.

Delmas, Bruno (2010). *Arquivos para quê?: Textos escolhidos*. Trad.Danielle Ardaillon - São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso.

Deschatelet, G. (1990). *L' archivistique et la bibliothecnomie: deux disciplines soeurs dans l' arbre genealogique des sciences de l'information*: In: GIRA, La place de l' archivistique dans la gestion de l' informations: perspectives de recherches. Montreal: Ministere des Affaires Culturelles/ Archives Nationales du Quebec.

Fernandes, G. C. (1995). INFORMARE – Cad. Prog. Pós Grad. Ci. Inf, Rio de Janeiro, v.1, p. 25-30, jan/jun.

Fonseca, M. O. K. (2005). *Arquivologia e ciência da informação* Rio de Janeiro: Editora: FGV.

Guimarães, J.A.C. (2008). *Ciência da informação, arquivologia e biblioteconomia: em busca do necessário diálogo entre o universo teórico e os fazeres profissionais*. In: FUJITA, M.S.L. (Org.). *Ensino e Pesquisa em Biblioteconomia no Brasil: a emergência de um novo olhar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

Heredia Herrera, A. (1995). *Arquivística General. Teoria Y Práctica* 7 º edição Sevilla, Editora: Diputación Provincial de Sevilla.

Hilary Jenkinson, M.A., F.S.A. (1992). *A Manual of archive administration* . Oxford: Humphrey Milford.

- Jardim, J.M.; Fonseca, M.O.** (1992). *As relações entre a arquivística e a ciência da informação*. Cadernos BAD: Biblioteconomia, Arquivística e Documentação. Lisboa, 2, p. 29-45.
- Le Coadic, Y.** (1996). *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos.
- Lopes, L.C.** (1996). *A informação e os arquivos: teorias e práticas*. Niterói: EDUFS Car.
- Malheiro, A.** et al. (1998). *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Muller, S.; Feith, J.A.; Fruin, R.** (1994). *Manual de arranjo e descrição de arquivos*. Tradução de Manoel Adolpho Wanderley. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973.
- CRUZ MUNDET, J. R.** Manual de arquivística. 29.ed. Madrid: Fundación Geriiiáii Sánchez Ruipérez.
- Rabello, R.** (2009). *A face oculta do documento: tradição e inovação no limiar da Ciência da Informação*. Marília: UNESP. Tese (Doutorado em Ciência da Informação).
- Ribeiro, F.** (2002). *Das ciências documentais à ciência da informação: um ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rodrigues, A. M.L.** (2006). *A teoria dos arquivos e a gestão de documentos*. Perspectivas da Ciência da Informação, Belo Horizonte v.11, nº 1, p. 102 – 117, jan/abr.
- Rousseau, J.-Y; Couture, C.** (1998). *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Dom Quixote.
- Ruiz, F. F.** (1999). *Archivística, Archivo, Documento de Archivo... Necesidad de Clarificar los Conceptos*. Anales de documentacion. 2, pág 103 – 120)
- SARACEVIC** (1996). Perspectivas da Ciência da Informação, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan/ jun.
- Schellenberg, T.R.** (2002). *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV.
- Silva, A.M. da et al.** (2002). *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. 2.ed. Porto: Afrontamento. v.1.
- Silva, da P. E.** (2012). *Arquivologia: configurações da pesquisa no Brasil: epistemologia, formação, preservação, uso e acesso*. In: RODRIGUES, G.M.; COSTA, M.G. (org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Smit, J.W.** (2000). *Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia – O que agrega estas atividades profissionais e o que as separa?* Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, v.1, nº 2, p. 27-36, fe.
- Smit, J.W.; Barreto, A.A.** (2012). *Ciência da Informação: base conceitual para a formação do profissional*. In: VALENTIM, M.L.P. (Coord.). Formação do profissional da informação. São Paulo: Polis, 2002. Cap. 1, p. 9-23.
- Smit, J.W.; Guimarães, A.C.** (1999). *Análise Documentária*. In: SMIT, J.W.; LIMA, Y.D. (Orgs). Organização de Arquivos. São Paulo: IEB-USP, v.3, p. 63-77.
- Souza, F. C.** (2007). *Interdisciplinaridade da Ciência da Informação in: Ciência da Informação Abordagens Transdisciplinares Gêneses e Aplicações* Pinto; V.B., Cavalcante, L. E; Neto, S.C. (organizadores) Fortaleza: Edições UFC, 2007.
- Tognoli, N.B.; Guimarães, J.A.C.** (2010). *Ciência da Informação e Arquivística: um diálogo a partir da informação registrada*. GARCIA MARCO, F.J. (ed.) . *Aspectos éticos e legales de la informacion y la documentacion*. Zaragoza: Ibersid, p. 131-136.
- Urbizagástegui Alvarado, R.** (2009). *Elitismo na literatura sobre a produtividade dos autores*. Ciência da Informação, v.38, n.2, Maio/Ago. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652009000200006>. Acesso em 09.07.2014